



WEBINAR TRABALHO E PREVENÇÃO

CLÍNICA DA ATIVIDADE

Estratégias para produção de saúde e
enfrentamento às violências no
trabalho.

»»» Noções de Trabalho

O trabalho ocupa lugar central na vida das pessoas, constitui modos de ser, pensar e existir no mundo.



sociabilidade humana
diferenças



centralidade do trabalho na vida humana



lugar de encontros-afetos-
COMPOSIÇÃO com outros seres humanos

“Homens e mulheres dependem exclusivamente de seu trabalho para sobreviver e encontram cada vez mais situações instáveis, precárias, quando não inexistentes de trabalho”. (ANTUNES, 2009, p.11).



Cenário, violência e estudos nos mundos do trabalho

Neoliberalismo (Racionalidade)

- **Competição**
 - **Lógica da empresa**
 - Produtivismo
 - Lógica da Eficiência
 - Metas
 - Intensificação do Ritmo de Trabalho
 - Pressão
 - Medo do Desemprego / Ameaça
 - Individualismo
 - Precarização
- (DARDOT, LAVAL, 2016)

Violência

tentativa de assujeitar ou submeter o outro, de adaptá-lo simplesmente, minando a sua capacidade de pensar, sentir e agir.

(MENDES, ARAÚJO, 2010, p. 92)

Pesquisas

- priorizado a identificação de quadros psicopatológicos
- pesquisas utilizam, predominantemente, de metodologias epidemiológicas que destacam o sofrimento experimentado nos locais de trabalho.

(TEIXEIRA, BARROS, 2009)

“[...] consideramos que apenas identificar quadros psicopatológicos associados ao trabalho, privilegiando os processos de sofrimento e adoecimento, pode não ser suficiente quando temos como meta a transformação da situação vivida hoje nos ambientes laborais”.

(TEIXEIRA, BARROS, 2009)



Cenário, violência e estudos nos mundos do trabalho

Nossa proposta “não focaliza apenas o sofrimento provocado pelas situações de trabalho, mas principalmente concentra-se nos **movimentos que os trabalhadores fazem para criar e recriar seu trabalho.**” (Teixeira, Barros, 2009)

As questões dos mundos do trabalho não podem estar baseadas apenas em quadros analíticos construídos externamente (Teixeira, Barros, 2009). As investigações científicas sobre a temática saúde e trabalho **não podem ser tomadas com posturas de exterritorialidade.** (Schwartz, 2004).

Não neutralidade sobre o campo pesquisado como postura ético-política.

“... os limites do conhecimento científico sobre saúde e trabalho só podem ser superados se confrontados e estimulados pelos desafios e pelas indagações advindas da experiência daqueles que vivem as relações que investigamos.” (Brito, Atayde, 2003, p. 240)

»»» Por uma Psicologia do Trabalho

- Vislumbre “o diálogo como um caminho necessário para que se efetive um debate entre os saberes científicos e os saberes advindos da experiência quando o tema é análise do trabalho”
- Busque “ferramentas que nos permitam um afastamento do lugar de “especialista” sobre os mundos do trabalho, daqueles que falam pelos trabalhadores, e, com esse objetivo, partimos de uma concepção de trabalho formulada por algumas abordagens desenvolvidas na França e, em especial, na **Clínica da Atividade**, da qual escolhemos **Yves Clot** como interlocutor.”

(TEIXEIRA, BARROS, 2009)



»»» Clínica da Atividade

- vertente clínica da psicologia do trabalho que assume a atividade como unidade básica de análise.
- A clínica não é apenas para conhecer a situação de trabalho, mas dispositivo de ação e do conhecimento para a ação, para a transformação. O interesse da clínica da atividade não reside apenas em descrever as situações. **Agimos para transformar a situação.**

(Entrevista: Yves Clot, 2006)

- ressalta a importância da criação de métodos que permitam ao trabalhador desenvolver o **poder de agir**, tornando-o protagonista na transformação de sua atividade. É uma clínica da ação, transformação, **intervenção** que possibilita ao trabalhador desenvolver sua capacidade de agir sobre o trabalho e sobre si. (BENDASSOLI; SOBOLL, 2011, p. 10).
- reconhece o lugar de **protagonismo do trabalhador**. Este como ninguém conhece seu trabalho e pode construir ações para a transformação de sua própria atividade.
- entende o trabalho como operador de saúde, isto é, o trabalho enquanto recurso criativo, que **opera saúde** quando o sujeito se encontra em atividade havendo “possibilidades de desenvolvimento de ações produtoras de novos modos de fazer e existir nas situações de trabalho”

(OSÓRIO DA SILVA, 2007, p. 77)



»»» Clínica da Atividade

- enfatiza a busca de instrumentos, dispositivos que ajudem a compreender a situação de trabalho real para ampliar o poder de agir do trabalhador sobre o mundo e sobre si, coletivamente e individualmente.

- Entende “o trabalho como uma atividade permanente de recriação de novas formas de viver, e não apenas como tarefa, mas como atividade dirigida, histórica e processual”.

(BENDASSOLI, SOBOLL, 2011, p. 10)

- foco de estudo na relação entre atividade e subjetividade



»»» Clínica da Atividade

- dimensões éticas, política e estética não mais se separam.
(protagonismo do trabalhador, horizontalidade na construção de decisões e caminhos, ex. MOI)
- trabalho como **ATIVIDADE INVENTIVA** que “transborda por todos os lados uma execução técnica de tarefas, fazendo-nos entender que o trabalhador **não é um mero autômato reprodutor de normas prescritas e técnicas de trabalho predeterminadas**”

(Maia, 2006, p. 3)



»»» Atividade e a Clínica da Atividade

- Atividade como unidade de análise do trabalho
- Atividade como algo mais do que a tarefa realizada passível de descrição para fins de análise
(CLOI, 2006)
- Atividade que não se limita às prescrições
- Atividade que convoca o trabalhador (psíquica e fisicamente) a agir, a colocar em cena seu repertório de saberes da prática e experiências vividas





Percurso da Atividade
Entre o Prescrito e o Real

ATIVIDADE

Prescrito

Real

ATIVIDADE

Prescrito ----- Real

Diálogos
Conflitos
Controvérsias
Mobilização psíquica e física
Diferenças
Heterogeneidade
Antecipações
Improvisações
Escolhas
Negociações
Decisões
Variabilidades
Iniciativas
Encontros / Afetos
Composição

Os **conflitos** oriundos da atividade são fundamentais para dar **fluidez e oxigênio** aos **questionamentos**, aos debates, à pluralidade e heterogeneidade dos diferentes grupos e relações do trabalho.



Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

- Na Clínica da Atividade é no manejo do diálogo, das discussões, dos conflitos e controvérsias, em espaços **coletivos**, que o trabalhador assume o protagonismo da atividade e amplia sua ação no trabalho.

- Atividade se efetiva como realização de desvios inventivos que permitem que a tarefa prescrita possa ser realizada. (TEIXEIRA, BARROS, 2009)

- “Amputar o trabalhador de sua iniciativa acaba por desembocar”

(TEIXEIRA, BARROS, 2009)

num esforço mais dissociativo, mais fatigante e mais extenuante que se possa encontrar ..., o esforço não é só o que este homem faz para seguir a cadência, é igualmente aquele com que ele deve consentir para reprimir sua própria atividade.

(Wallon, citado por Clot, 2006, p. 14).





Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

ATIVIDADE

Prescrito

Real

SUBJETIVIDADE

Para a Clínica da Atividade
atividade e subjetividade são inseparáveis
na situação de trabalho



Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

SUBJETIVIDADE (se dá no curso da atividade)

. Não falamos numa perspectiva do sujeito como algo dado (pronto e acabado) desde sempre com uma certa natureza. Não está na ordem da individualidade ou particularidade de cada um

. **Produção de subjetividade** é pensar no efeito de um processo multivetorializado onde **emerge o sujeito como resultado da confluência de diferentes vetores**

. Processo, algo em movimento, em constante atualização e transformação

. Processos de subjetivação



Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

SUBJETIVIDADE
(se dá no curso da atividade)

. subjetividade como uma teia de aspectos desejantes-políticos-econômicos-científicos-tecnológicos-familiares, e também aspectos singulares da vivência de cada um, orgânicos, perceptivos, afetivos.

(Entrevista: Profa. Maria Elisabeth Barros de Barros)
<https://www.youtube.com/watch?v=pR3rIPU7oMg>



Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

COLETIVO
(emerge o comum ou se constrói)

- . Yves Clot aponta que um coletivo se tornou necessário nos dias de hoje, pois pelo coletivo cultiva-se os afetos, as técnicas e as emoções que mantêm o ofício vivo.
- . A **heterogeneidade** do coletivo é outro ponto importante e crucial. Manter essa característica representa revirar o real e vê-lo de modo seguro.
- . O debate e as discussões profissionais pelo **trabalho bem feito** enriquecem o ofício. Eles ocorrem no coletivo e produzem saúde.
- . Negar o conflito não é uma escolha sadia. Não dar relevo ao debate e aos conflitos, de modo ordenado e não pessoalizado promove as **“querelas pessoais”**.
- . Há um **ponto comum** e o querer viver uma história também comum que liga, articula e movimenta o coletivo, contudo as diferenças e heterogeneidade precisam se fazer presentes.





Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

SAÚDE E TRABALHO

- . Serão considerados “normais” os modos de funcionar dos organismos quantificados e situados na média de normalidade estatisticamente instituída.
- . quando observamos a frequência de determinados comportamentos em relação a outros, significaria entender que estes comportamentos funcionam melhor em determinado modo de vida
- . será a vida em si mesma que dirá o que é normal por meio de sua capacidade de instituir normas, a vida em ação e em movimentos normativos



Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

SAÚDE E TRABALHO

. um traço humano não seria normal por ser frequente, mas seria frequente por ser normal, isto é, normativo num determinado gênero de vida [...]"

. o normal não é instituído pelas vias da generalização da ciência, nem das médias estatísticas. Ele se dá pela ação de normatividade do sujeito, na vida como atividade normativa, cunhado pela experiência singular.

. "a vida, sendo não apenas submissão ao meio mas também instituição de seu próprio meio, estabelece, por isso mesmo, valores, não apenas no meio, mas também no próprio organismo"

(CANGUILHEM, 2009, p. 92)

. "viver é um debate entre diferentes normas, em um processo dinâmico e nunca previsível" (RAMMINGER, 2008).





Percurso da Atividade Entre o Prescrito e o Real

SAÚDE E TRABALHO

- . produzir perguntas desmanchando regras já dadas quando elas não servem mais de oxigênio
- . O trabalho é o principal operador de saúde, já que é uma atividade de transformação da natureza e do próprio humano, atividade normativa por excelência
- . Faz-se necessário, porém, analisar as condições de trabalho atuais que, em inúmeros casos, faz com que o trabalho não seja motor da saúde e se traduza em sofrimento
- . Uma análise coletiva do trabalho traz as angústias e as “criações” dos trabalhadores para, a partir delas, fabricar outras realidades, outras formas de trabalho

(BARROS, OLIVEIRA, 2004)



Compromisso com a Ética (trabalho x subjetividade x ética)

Assumimos uma perspectiva ética no trabalho que afirma um certo modo de se posicionar e construir os processos de trabalho tendo como direção numa aposta radical na vida no seu movimento de expansão. A essencialidade da vida está na força instituinte que nos move. Falamos da impermanência da vida, de uma vida que não suporta modelizações ou sobrecodificações.

Falar de uma perspectiva ética é falar de modos de funcionamento, modos de viver que afirmem a processualidade da vida que não suporta modelizações, reduções às prescrições porque a vida almeja e afirma esse processo expansivo.

Ética numa perspectiva de trabalho que afirma esse processo ativo dos humanos e, principalmente, esse poder de ação e de intervenção na vida, na criação de mundos e na criação de sujeitos.

Profa. Dra. Maria Elisabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo

<https://www.youtube.com/watch?v=pR3rIPU7oMg>



Obrigado

emerson.teixeira@fundacentro.gov.br



Referências Bibliográficas

BARROS, M. E. B. de; OLIVEIRA, S. P. de. Construindo formas de co-gestão do trabalho docente: as comunidades ampliadas de pesquisa como estratégia privilegiada. In: 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu. Anais. Caxambu: ANPED, 2004. v. CD-ROM.

BENDASSOLI, Pedro; SOBOLL, Lis Andrea (Org.). **Clínicas do trabalho**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011.

Brito, J. & Athayde, M. (2003). Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. Revista Trabalho, Educação e Saúde, 1(2), 239-266.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 6 ed., 2009.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo. São Paulo: Boitempo, 2016.

Entrevista: Yves Clot. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 9, n. 2, p. 99-107, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172006000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 10 dez. 2020.

MAIA, M. A. B. (2006). Corpo invisível do trabalho: cartografia dos processos de trabalho em saúde. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Referências Bibliográficas

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. Violência e sofrimento ético: contribuições da psicodinâmica do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia. Violência no trabalho: perspectivas da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica. São Paulo: Editora Mackenzie, 2010.

OSORIO DA SILVA, C. As ações de saúde do trabalhador como dispositivo de intervenção nas relações de trabalho. In: Barros, M. E. B. *et al.* (Orgs.) Psicologia e Saúde: desafios às políticas públicas no Brasil. Vitória: Edufes, 2007, p. 75-90.

RAMMINGER, T., Entre a normatividade e a normalidade: contribuições de G. Canguilhem e M. Foucault para as práticas de saúde. Revista Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 68-97, 2008.

Schwartz, Y. (2004). Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In F. Daniellou (Coord.), A Ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos. São Paulo: Edgar Blücher.

TEIXEIRA, D. V. e BARROS, M. E. B de. "Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho" Psicologia & Sociedade; 21 (1): 81-90, 2009.